

ENTREVISTA 7

E. Ia, em primeiro lugar, perguntar a idade da dona Elvira?

e. Tenho 53 anos.

E. E o seu estado civil?

e. Casada.

E. E a nível da sua escolaridade?

e. Tenho o 9 ano.

E. E qual é a sua situação actual em termos de profissão?

e. Sou comerciante.

E. Então ainda está...

e. Ainda estou no activo!

E. É aqui em Anadia?

e. Sim, sim.

E. Ia-lhe perguntar: há quanto tempo é que é voluntária, aqui neste hospital?

e. Há pouco tempo. Comecei há um mês, se tanto. Tive em Abril a primeira experiência.

E. Foi um encaminhamento que foi feito em Maio, penso eu!

e. Sim, sim, sim.

E. E como é que começou a ser voluntária?

e. Foi, quando comecei? O que é que despertou em mim ser voluntária?

E. Sim, também. Onde é que se dirigiu. Ambas as coisas!

e. Eu fui à biblioteca, não sei se era a biblioteca...

E. Ao centro cultural?

e. Ao centro cultural, que era a antiga biblioteca.

E. Sim, sim.

e. Fui ao centro cultural inscrever-me para, como voluntária. Depois, fui contactada para fazer um curso e depois, recebi uma carta do hospital, a dizer que, que podia desempenhar o meu papel de voluntária aqui no hospital, mas que lhe dava jeito da parte da manhã. Então, escolhi uma manhã a meio da semana, que faço...

E. Que dedica?

e. Sim, sim.

E. Neste caso é à 4ª feira de manhã?

e. É à 4ª feira de manhã.

E. Quando a dona Elvira disse que se inscreveu, foi no Banco local de voluntariado que fez essa inscrição?

e. Sim, sim, sim, sim.

E. Que tem a sede ali no centro cultural?

e. Sim, sim.

E. E teve, assim, algum motivo? Motivo ou motivos não é, que a fez querer levar a fazer voluntariado?

e. Eu sempre gostei muito de trabalhar, eu já trabalhei num lar, trabalhei lá muitos anos e gosto muito da dedicação aos outros, é sempre, é uma área que me preenche, eu não sinto que estou a dar, sinto que estou a receber. E como eu acho isso, essa falta em mim, eu procuro essa falta, apesar de eu não ter muita disponibilidade, olhe, dou o que posso. Sinto-me mesmo bem a fazer o que estou a fazer!

E. Uma pessoa tem que aliar o seu voluntariado ao seu dia-a-dia.

e. Sim, sim, ao seu dia-a-dia. Tenho uma filhita em casa, que ainda estuda, tenho um netinho, que também vive comigo, tenho o comércio, que também requer muito tempo, não é? Mas eu acho que, que faz falta também vir aqui, saio daqui muito mais cheia.

E. Quando se refere a sentir-se mais cheia, refere-se, assim, em que termos, mais especificamente?

e. Mais gratificada, mais, melhor com a vida, não sei! Eu não sei explicar qual é o sentimento que me leva mesmo a, a querer ser voluntária! É, é uma entrega! Não sei se há palavras que possam definir melhor isto, mas o que eu sinto! Gosto mesmo de fazer!

E. Sente-se feliz por ter preenchido...

e. Ou então, tenho recebido muito, mas fui muito carente afectivamente. E é uma parte que me preenche, porque foi o que me levou a procurar trabalhar num lar de idosos, por não ter pais, e por ver em cada um, o carinho de um pai e de uma mãe que eu não tive. E como estive muitos anos fora, vivi sempre no estrangeiro, estive em Angola e depois fui para a Venezuela, também vivi, assim, uma vida de...muito virada só para mim. Quando cheguei cá, achei que, que podia dar muito!

E. Humm, humm.

e. Que, que tenho que, nem que tenho que, sinto que, que, que dou muito e que recebo muito!

E. Por vezes, por períodos da sua vida, acha que esteve mais centrada em si, quando fala nesses períodos que viveu, teve necessidade de viver a sua vida mais centrada só em si?

e. Sim, sim, sim. Era, era, era. Fui, eu fui uma pessoa muito, muito carente no aspecto afectivo e como vivi sempre em países fora da minha terra nunca, também, me preencheu essa...os meus filhos, também, consegui envolver os meus filhos, por exemplo, num lar, eles conseguiam ver nos velhinhos o avô e a avó que nunca tiveram; eles, também, para eles era uma, uma...foi uma, não sei dizer, um momento da vida deles que os marcou muito.

E. Porque eles também iam ao lar, era isso? Quando trabalhava...

e. Era. Quando eu trabalhava lá eles participavam muito. Eles deixavam a mochila da escola e iam passear um idoso, ou jogavam às cartas com eles – aquilo que eles nunca tiveram, encontraram ali!

E. Eles poderiam ser da idade dos seus avós.

e. Exactamente! Exactamente.

E. E acha que também foi importante, então, para eles?

e. Muito importante, porque eles não tinham a noção do que era a velhice, o sofrimento que, que envolve muito a velhice. Eu tenho, tenho um filho agora que está na universidade, ainda, que aprendeu muito com os idosos. Ele, eu, hoje, agradeço aos idosos, ele adora ler e foi um idoso que, que tinha muita cultura, muito saber que lhe transmitiu. Tem 21 anos e diz que o melhor amigo que teve na vida foi aquele senhor. Foi buscar àquela, àquela pessoa, o que ele diz que foi o melhor amigo que ele teve! Tanto que quando ele morreu, o meu filho acho que fez um luto tal e qual se fosse eu. Sofreu muito.

E. Tinha uma ligação muito profunda.

e. Muito profunda! Hoje a vida fez-me mudar de rumo e saí, não porque não gostasse, porque eu fiz muita formação, eu pensava mesmo seguir mesmo a minha vida ali! Mas depois... porque eu tenho um problema comigo, que é envolver-me demasiado com a dor alheia, eu não consigo separar águas. É um defeito que eu reconheço que tenho, e deixei-me, fui-me envolvendo, envolvendo, cheguei a um ponto que o médico disse que eu cuidava de mim, não podia cuidar dos outros. Foi por assim dizer.

E. Foi regular o trabalho no lar.

e. O trabalho no lar. Eu saí, mas deixei laços de amizade muito profundos. Só não volto para lá fazer voluntariado, porque associa-me muito ao lar, ainda, e eu não quero!

Não quero nem prejudicar o pessoal que lá está, nem, nem, nem estarem sempre a falar do tempo da encarregada, e depois falam sempre no tempo de antigamente e as coisas vão mudando, vão evoluindo, nada é como antigamente. Eu já saí do lar há 12 anos, mas ainda há pessoas que se lembram, que tentam fazer comparações e isso é mau para elas, é mau para mim e é mau para a gerência também, não é, porque se está sempre a falar no mesmo, não é?

E. Claro.

e. E isso não era bom para ninguém! E por isso é que quando eu me inscrevi, a perguntar-me se eu queria ir para um lar, não é que eu tenha nada contra o de Anadia, porque adorei, foi uma experiência maravilhosa, mas aí está, é mesmo para fugir aos padrões...

E. Da sua vivência antiga dentre dele.

e. Exactamente, exactamente. Um dia poderei fazer noutro lado.

E. Sim.

e. Se eu tiver disponível, disponibilidade e estiver bem, porque posso dizer que posso trabalhar como voluntária, porque...

E. Claro, ainda tem idade!

e. ...ainda tenho muita vida por dentro, mas se eu tiver tempo, dedico-me também a um lar!

E. Terá sempre essa possibilidade e poderá ser noutro meio em que já não corre...

e. Já não corro riscos. Exactamente, exactamente!

E. ...essa, essa questão. Ia-lhe perguntar: como é que se caracteriza como voluntária? Já me referiu uma das características que é essa questão de ter alguma dificuldade em separar as águas, não é?

e. Sim. Sim.

E. Tem, assim, mais alguma característica que...

e. Consigo, consigo projectar-me na outra pessoa. Isso, em parte, é mau, por sofrer, mas ao mesmo tempo, acho que é uma experiência de vida. Eu consigo-me projectada, mas tenho de ter a noção de que estou a aprender, que se um dia me tocar a mim, às tantas não estarei lúcida para conseguir, mas pensar que não sou só eu, que há quem sofra mais que nós. Tirar estas, estas, estas confusões da vida que, às vezes, nós afundamo-nos num copo de água, quando há ao pé de nós, turbulências que conseguem superar-se, não é? E eu tenho necessidade de ver esse lado da vida.

E. Tem, também, então, essa característica de tentar aprender e aprender...

e. Sim, aprender.

E. ...com o percurso de quem está.

e. Como eu nunca tive um acompanhamento, eu fiquei órfã aos 8 anos, eu não sei o que é o trato com uma mãe, o trato da avó, o trato... e eu tinha essa carência comigo. Porque eu consigo-me entregar mais a um idoso, e eu na minha infância estive num colégio de freiras durante quinze anos, em Angola e vivi com crianças, mas não é isso que me preenche. O que me preenche mesmo é um idoso, talvez porque ele me falte e eu tiro a minha conclusão, porque eu não vou, nunca ninguém me disse isto, mas porque é que eu tenho necessidade de ser idoso e não ser, por exemplo, uma criança ou um deficiente? Eu já experimentei, por exemplo, tenho o Acácio do APPACDM de Anadia, que sou muito amiga dele, e antes de entrar para o lar, tinha chegado da Venezuela e ele disse-me para, para ir lá ao...

E. À instituição!

e. Estive lá dois dias e não consegui! Não é melhor, nem pior, é diferente! E eu nunca tinha trabalhado com idosos e nunca tinha visto idosos, na minha vida nunca estive, assim, perto, e eu fui p'ó lar e achei que era aquilo que me enchia, achei que era aquilo que eu precisava mesmo! E eu, eu, comecei a ver, eu olhava para um idoso e pensava "Ai, a minha mãe seria assim!"; ou eu, depois tirava a conclusão comigo, bem que eu gostava de receber, então amanhã, e eu sei que dando, recebo. E se não é hoje, é amanhã.

E. Quem não sabe, é a sua maneira diferente de dar, não é?

e. Exactamente! Exactamente. É isso.

E... . uma troca?

e. Eu acho que recebo mais, que aquilo que dou!

E. Com quem contacta?

e. Sim!

E. E em que serviços aqui do hospital é que é voluntária?

e. Aqui no, no...

E. Aqui no hospital?

e. Sim.

E. Eu penso que vocês estão na unidade, não é?

e. Sim, sim, sim, sim.

E. Na unidade...

e. Eu ainda não sei pronunciar nomes, porque estou aqui há pouco tempo, agora são valências diferentes, não é?

E. É a unidade de convalescença.

e. Exactamente, é isso!

E. A unidade de cuidados continuados. E teve algum tipo de formação específica antes de iniciar o voluntariado?

e. Sim, sim, sim. Aqui no hospital.

E. Foi um dia, não foi?

e. Foi um dia, sim. Foi um dia intensivo, não é? Mas como eu também já tinha tido aquela experiência no lar, aquelas partes técnicas: deitar o idoso, sentar o idoso, a cadeira, essa parte nunca é demais ouvir porque nós estamos sempre a aprender e existem novas, novas técnicas e vai-se melhorando, vai-se cada vez mais, mas houve aquela parte, não do saber ouvir, do, do... da privacidade, que nós aprendemos sempre e que me fez muito bem. Gostei.

E. Foram indicações, então, importantes?

e. Muito úteis.

E. Até porque essa formação, segundo eu sei, foi também com alguns elementos do hospital.

e. Exactamente, estávamos todos integrados.

E. Foi, digamos, um conjunto de pessoas que receberam essa formação.

e. Sim, sim, sim, sim.

E. E que tipo de apoio é, assim, prestado pelo hospital ou outras entidades? Tem o Banco em que se inscreveu, depois tem aqui o hospital, penso que em termos de apoio, têm a coordenação da Dr.^a Ana Paula, não é?

e. Da Dr.^a Ana Paula, sim.

E. Se for necessário alguma coisa ou...

e. Sim, exacto. Ela está sempre disponível. Sim, claro que sim! Faz-se reuniões, sempre com ela.

E. E há, assim, nessa formação, ou depois dessa formação algum tipo de regras específicas que vocês tenham de seguir, por parte do hospital? Ou se há, assim, alguma coisa...

e. Sim, temos que...temos regras a cumprir. Não podemos interferir a nível do doente, por nossa auto-criação, temos que chamar o enfermeiro, se nos pedem isto ou aquilo, nós temos que consultar o enfermeiro, porque acho que isso é importante, não é? Porque, por acaso, eu até tenho uma certa experiência em acamados, levá-los - não é por minha auto-criação que eu posso chegar lá e levá-lo, não posso; nem se ele quer água, dar-lhe água sem pedir, perguntar se ele pode beber! Ainda agora estive com uma senhora que está muito doente, que pede constantemente para ir à casa de banho e eu não me custava nada fazê-lo, mas não devo, porque não sei que regras é que... pode ter que controlar a urina, saber quantas vezes já fez. Posso chegar eu como pode chegar outro e desorientar a... e ela não está boa da cabecinha! Não me custava nada! Ela está sempre” Olhe, ó menina, leve-me à casa de banho.” É constante, mas eu sei que não devo! O mais que eu posso dizer é : ” Já venho, vou dizer à senhora enfermeira!”. E ela diz-me: “Olhe que ela está malzita da cabeça, está sempre a pedir!” isto ou aquilo e então tento contornar...

E. E há, assim, alguma coisa que vocês nunca deverão fazer, aqui dentro do hospital ou não? Essa que me está a dizer já é!

e. Já é! Que nunca devo...

E. ...Hum hum.

e. Isto é uma das regras e eu também, também acho que é o sigilo. O que se passa aqui, não se deve dizer lá fora! Seja o que for não...é estritamente nosso! Não temos que estar a, a fazer, este ou aquele comentário, porque não traz benefício a ninguém, nem a nós, nem a ... Não é q' haja, ah agora poderá dizer-me: “Ai, há alguma coisa a esconder?”. Não! Até acho que trabalha tudo muito bem. Mas é por aí, fica um bocadinho...estar a comentar o que se passa aqui dentro!

E. É aquela palavra que usou há pouco do saber o que é a privacidade.

e. Exacto! É isso.

E. A privacidade de cada um.

e. Eu acho que sim! Porque cada idoso ou cada doente, eles são todos idosos, mas já encontrei cá um ou dois novos, tem a sua história, a sua, a sua...

E. Trajectória...

e. Trajectória de vida e não, e eles, coitadinhos, também têm tendência de falar. Pois, eu não devo, por...mas mesmo que me perguntem, eu não devo chegar lá fora e contar o que é que a pessoa me disse, ou quem é, ou o que é que fulano...? Para já eu tenho uma coisa muito boa – eu não sou de cá! Às vezes dizem-me: “Ah, eu sou de Vilarinho, conhece?”- eu não sei. Conheço as pessoas porque eu tenho uma loja e ao balcão eu lido com muita gente, mas nunca me interessa saber de quem, de onde é que são, se são

assim, se são... isso, já transcende o meu feitio, não gosto. Nunca sei donde é que são, não me pergunte, não, não quero saber, o que é que... Mas isso já é feitio da pessoa!

E. Já maneira de cada um de ser, não é?

e. É.

E. Ia-lhe perguntar, que já me disse. Quanto tempo é que dedica ao voluntariado?

e. Para já é só uma manhã por semana.

E. É uma manhã, não é?

e. Sim.

E. Normalmente à 4ª feira e das 10?

e. À 4ª feira. É das 10 ao meio-dia.

E. Ao meio-dia. E também já me referiu um bocadinho é como é que organiza a sua vida. No seu caso, será a única voluntária que...

e. Estou no activo.

E. ...está no activo. Será, se calhar, possivelmente o único caso.

e. Tendo empregada...para já posso, não é? Nunca se pôs essa questão de fazer falta, para já, as coisas dão para eu poder ter um funcionário, um dia que não possa, irei fazer de outra maneira...

E. Está-se a referir na sua loja?

e. Na minha loja.

E. A sua loja neste momento não está fechada porque está lá uma pessoa...

e. Está lá uma pessoa a tomar conta.

E. ... a trabalhar.

e. Um dia que eu não possa, terei que, que...

E. Coordenar.

e. ... adequar a minha, o meu voluntariado, uma vez que, é aquilo que diz, colaborar o que tiver disponível, pois não posso viver sem trabalhar!

E. Pois. Como tudo está não é possível, não é?

e. É! Não, não é possível!

E. Ia perguntar à dona Elvira: como é que é um dia aqui no hospital? Ou seja, para me contar desde que entra na porta do hospital, qual é o seu trajecto, o que é que faz, até à saída, à 4ª feira?

e. Até à saída! Vou lá acima, vou ao nosso gabinete, visto a bata, também é onde recebemos informação, conversamos um bocadinho com a colega, também é muito bom! São experiências que nós também temos, boas.

E. Com a colega que faz voluntariado, é?

e. Voluntariado comigo, sim. Depois descemos, inclusivamente vou sempre à capelinha, gosto também, depois entro, entro no recinto do hospital, na parte onde vou exercer voluntariado e depois vamos conversando. Eu, eu sou um bocadinho, gosto de fazer o voluntariado, não é sozinha, mas trabalha-se em grupo, não é que não goste de grupos, mas eu gosto muito de estar sozinha como pessoa, é uma característica minha!

E. E acha que, que está mais dedicada só aquela pessoa?

e. É, é.

E. Porque é que sente isso?

e. Não sei, talvez porque eles são tantos que se tivermos duas pessoas ao mesmo tempo, não, não abrangemos, assim, uma área com qualidade, mais.

E. Sim, sim, sim.

e. Acho que se eu estiver aqui e assim estiver ali e outra estiver... não está ninguém em grupo, porque quando eu comecei foi em grupo e eu achava que...

E. Era qualquer coisa desperdiçada!

e. Era. Era. Eu dizia assim: “Ele está sozinho. Porque é que havemos de estar aqui três e ele está sozinho?”, e, e optei por fazer isto assim a senhora vai para um lado e eu vou para outro. Andamos em... juntas, mas cada uma vai para seu lado. Se houver necessidade e não tivermos mais nada que fazer, vamos as duas, mas se eu puder fazer sozinha, acho que, não sei.

E. Então quando chega lá ao perímetro da unidade, normalmente o que é que fazem? Vão para as camas, vão para aquela parte...?

e. Vamos para as camas; normalmente nós chegamos numa altura em que eles já estão todos levantados; só vamos mesmo às camas daqueles que estão...

E. Acamados.

e. Acamados ou inconscientes; nós pensamos sempre que estão inconscientes, mas não é fácil, porque nós não sabemos se eles ouvem ou não, mas nós falamos, falamos e nem que seja uma carícia, uma pessoa sabe que está ali alguém que olha por...que está...

E. Para vê-lo!

e. Que vem vê-lo! E, mas geralmente sentamo-nos mais ali naquele hall, onde estão as pessoas já levantadas e, e estamos ali e depois vamos, descemos à parte dos operados. Aproveitamos para dar uma palavrinha, perguntar se correu bem, aqueles que vão ter alguma operação se estão assustados, que vai dar uma força, que vai correr tudo bem, que tenham fé, que... essas coisas que eu acho que é muito bom nós ouvirmos.

E. E, assim, quando conversa com eles, quais são, assim, os temas, não falando especificamente de nada, do que é que eles gostam de falar? É do trabalho, é do passado, é da família?

e. O idoso, geralmente, fala muito do passado. Já por experiência própria, eles esquecem-se, passa o hoje, o ontem e nunca esquecem o passado. Geralmente, aquele acamado, aquele idoso, o doente, o idoso vai sempre buscar o passado. O que fez, o que trabalhou, porque se matou, porque deu, agora não tem e dos filhos e nós estamos sempre desse lado a ouvir e a entender. Eles choram, por exemplo, eu nunca digo a uma pessoa quando chora, que não chore, porque se ele chora, aquilo é um sinal de que, que aquilo faz-lhe bem sair. Ainda agora estive com uma pessoa, que, que, eu, quando ele me estava a contar a trajectória da vida dele ele chorava e eu dizia-lhe: “Se lhe faz mal estar a falar, antes não fale!” e ele: “Faz muito bem, que eu não tenho ninguém, a quem dizer o que sinto”. E eu deixei-o e as lágrimas corriam-lhe pela cara e o mais que eu queria fazer era limpar-lhe a lágrima, mas deixei-o falar, porque senti que ele tinha necessidade de dizer isto a alguém.

E. Tinha necessidade de libertar alguma coisa!

e. De libertar alguma coisa e, e ele sentiu-se melhor e ficou... e eu também! São exemplos de vida que depois eu vou tentar, ou se se repetirem na minha vida eu já tenho o exemplo...uma maneira de ver como é que as coisas se podem passar.

E. Exactamente! E o que é que mais gosta no seu trabalho como voluntária? Do que é que mais gosta quando vem fazer voluntariado?

e. É isto!

E. A entrega ao outro?

e. É. Sinto-me muito bem, consigo esquecer-me da minha vida completamente. É, é aquela manhã que eu me esqueço, que eu não penso especificamente em nada! Nada, não passa, nem estou preocupada se há clientes, se estou a vender, não penso em absolutamente em nada! Desligo completamente! Por isso, acho que sou muito feliz por poder fazer isto!

E. Está aqui de corpo e alma, é isso?

e. É, é muito presente.

E. E tem alguma coisa que menos goste dona Elvira?

e. Aqui no hospital?

E. Em termos de fazer voluntariado. Sim, neste caso aqui no hospital.

e. Não, não. Não há nada que, que... até achava que, que, que podia participar mais. Acho, acho... eu tenho só pena se só ter uma manhã!

E. Neste momento só poder vir à 4ª feira, é?

e. É, é. Porque se me pedissem, por exemplo, até à noite, se houvesse necessidade e me chamassem eu, eu tenho muita necessidade de ser útil. É... não sei se é uma falha minha, se é uma carência minha, mas acho que, que é o que eu preciso.

E. Tem necessidade de poder ajudar os outros?

e. Sim!

E. E durante a sua vida ainda não teve uma experiência de voluntariado, não é? No que toca naquelas outras...

e. É. Quer dizer, isto já talvez tenha que ver com a minha infância, porque fui para o colégio, órfã, aos 8 anos, e era no colégio de Cabinde.

E. Cabinde, em Angola?

e. Em Angola, sim. Aí era um colégio de Cabinde, eu já desde muito nova, eu tive necessidade de ajudar alguém e u ajudava a madre. Eu de muito nova mediquei, por exemplo, eu hoje podia ter um curso e não tive, porque eu deixei de estudar de dia, para estudar à noite, para ajudar a madre! Mas eu já nessa altura queria ser assistente social. O meu sonho um dia era ser assistente social.

E. E nessa altura ajudava a fazer o quê?

e. Tudo! Porque havia aquela valência dos órfãos, que nós...era dois tipos de colégio, eram duas valências: as adolescentes e, depois, havia a valência infantil, dos 3 anos até aos 12. E a Madre superior, antes de abrir essa valência não contava com ninguém e como ela me, me, me disse o sonho dela eu achei que devia participar desse sonho! E era uma maneira de eu retribuir o que ela tinha feito por mim!

E. Foi ficar com ela desde pequenina?

e. Sim. Ela foi aquela mãe que eu não tive. E, e, em contrapartida, havia colegas minhas que se revoltavam, que diziam mal, pois e eu achava que nem que ela me desse um sapato usado, ela não tinha obrigação de me dar nada. Eu estava sempre em, em dívida com ela.

E. Sentia sempre...

e. Sempre me senti em dívida com ela! E uma maneira de eu, de eu a compensar, era ajudá-la. Comecei, então a fazer, a ajudar de e a estudar de noite, como estive ainda, desde os 17 anos até aos vinte, quando me casei de lá, que eu casei mesmo lá. Trabalhei durante 3 anos com crianças, onde era banho, elas estavam permanentemente lá; era o banho, era o estudo, era as mesas, tirar mesas, era como se fosse o meu trabalho.

E. Tinha que fazer tudo, não é?

e. Tudo, tudo, tudo, tudo!

E. E ainda eram muitas crianças, na altura, lá?

e. Ainda eram 40! E tinha depois uma colega minha que me ajudava a fazer a questão das entradas e a coordenar também a casa.

E. E na altura, quando cresceu nesse local, também estavam muitas outras raparigas? Era um grande quantidade?

e. Sim. Éramos 40! 40 adolescentes! ... e depois não tínhamos nenhum meio de subsistência, nós tínhamos que trabalhar para comer, porque nós éramos órfãs e não havia a participação do estado.

E. São países que ainda não estão organizados como nós....

e. Pois não, pois. Ainda agora estive com uma senhora que achei graça, que também esteve lá fora, porque eu primeiro estive em Angola e depois fui para a Venezuela, e ela também esteve na Venezuela e ela diz que: “ Isto aqui é um hotel de 5 estrelas!”. E eu também acho! Acho que...

E. Refere-se ao hospital?

e. Ao hospital. Mas também acho que, mesmo cá em Portugal, não se valoriza aquilo que temos, porque as pessoas não saíram, não viram o que era, que eu tenho que andar muito feliz, que eu sou uma emigrante, que sou muito feliz! A vida correu-me muito bem. Em Angola, não foi tão bem, não é? Fiquei sem nada! Mas depois, quando fui, fui uma emigrante que não pensou em viver, em ganhar o dinheiro para trazer para hoje... hoje eu podia não ter necessidade de trabalhar tanto, mas eu, a lição de vida em Angola, ensinou-me que eu só tinha 20 anos uma vez, só tem 30 uma vez e só tem 40 uma vez! Devíamos viver a vida por etapas, porque não me vai saber tão bem aos 60, o que me soube aos 20!

E. Claro!

e. Não é? E o que é que me adiantavam hoje ter uma conta bancária muito alta, se eu não tinha vivido? Podia ter uma conta bancária e não ter saúde para a gozar! E, assim, já gozei, criei bem os meus filhos, eduquei-os bem, apostei na educação deles e, e gozei a vida! Posso-lhe dizer que gozei a vida! Mas gozei a vida, porque a vida me corria bem,

não é? Porque dava! Mas quando cheguei a Portugal, mas lá havia muito má imagem de Portugal! Lá e acho que em qualquer parte!

E. Na Venezuela?

e. Na Venezuela. E eu nunca vivi cá em Portugal, porque eu só estive cá, não sei se já ...

E. Não, não, não estamos a falar... É só porque ela depois dispara [a K7] e nós ouvimos.

e. Ah! Eu nunca vivi cá em Portugal, não sei, assim, os costumes, não sei, noto as pessoas muito fechadas, muito pessimistas, muito dolorosas e eu sou uma pessoa muito extrovertida - gosto muito de conversar, gosto muito de falar, gosto muito de... a vida ensinou-me que não pode ser assim, agora que estou cá! Mas, eu muito chorei e lá, que eu não queria vir para Portugal. Que eu pensei: “ Para lá, aquilo é, é O que falam dos portugueses, falam assim, falam assado!”. E, quando eu cheguei, tive uma muito grande! Achei que era tudo, tudo maravilhoso! Por exemplo, lá eu tinha os meus filhos num colégio privado, tinha que pagar, tinha que os ir buscar, tinha que... aqui, quando eu comecei a trabalhar, mandava os meus filhos para a escola, tinham as cantinas que funcionam logo ali; as pessoas falam mal porque não sabem o que é não ter nada, o que é ter o filho, ter que o ir buscar, ter que o ir levar... Eu, eu como tive todas essas, eu como passei pela outra parte em que tinha tudo isto, eu acho que nós não devemos nos queixar! Que não estamos tão em crise, como estão hoje. Que, que cá queixa-se de barriga cheia! Pelo dizer, pelo hábito!

E. Porque não vêm, não é? Não vêm essas realidades...

e. Não vêm os horizontes! Não, não estiveram... e, depois, acham sempre tudo mal. Como é que sabem? Nunca ninguém diz que está bem! Está sempre tudo muito preto, tudo...! Quando nós... como eu já vejo a vida diferente e não penso assim, as pessoas, às vezes, dizem: “ Ai, porque tu vives bem, porque tens muito!”. Não é isso! Eu valorizo outras coisas, eu dou valor a outras coisas que as outras pessoas não valorizam tanto! Mesmo no hospital, na consulta aberta, no centro de saúde, temos médico de família, em lado nenhum há isto!

E. Nessas suas experiências, não é, de Angola e na Venezuela?

e. Sim! Nada! Nunca funcionou nada disso! Quem não tinha dinheiro morria! Graças a Deus, que eu até tive, até tive uma vida boa, mas aqueles que não têm, morrem!

E. Não têm este auxílio na saúde, não é?

e. Exactamente! E aqui em Portugal não se valoriza aquilo que nós temos! E, e, é sempre assim, isto é muito... e, depois, muito desconfiado! Uma das coisas que me chocou muito... do pior! É tudo bom e eu adoro, e para passear adoro Portugal, mas, por exemplo, a nível já do trato de pessoa, noto as pessoas muito pessimistas,

reservadas, medrosas, “ eu não falo, porque é perigoso”, “ eu não visto, porque é mal”, “eu não saio, porque vão falar”, porque não têm mentalidade aberta e... Mas eu agora, passados estes anos todos que cá estou, há 19 anos, acho que me estou a tornar igual! Porque estou a ficar com medo, porque eu vejo, nas costas dos outros eu vejo as minhas! E acho que eu me estou a tentar a, a, a proteger, para que não digam o que dizem os outros! Mas eu, eu tenho que ser superior a isso!

E. Pois, no fundo também é...

e. Marcar um bocadinho a diferença porque eu não tenho a culpa de pensar assim, porque eu tenho esta mentalidade aberta assim, não tenho problema nenhum em, em, se eu tiver que sair, vou, se eu tiver que ir para um ginásio, vou! (...) que pelas pessoas fazer o que fazem, eu tenho que fazer igual!

E. Claro!

e. O importante é eu estar bem comigo própria!

E. Exacto! Senão também poderia correr o risco de deixar de ser...

e. A pessoa que lhe...

E. ... a própria pessoa!

e. Exacto! A pessoa que sou!

E. É um riso muito grande para qualquer, qualquer pessoa.

e. É, é, é.

E. Relativamente, sei que não ‘tá cá há muito tempo, relativamente à relação que têm, portanto, as voluntárias e o pessoal do hospital, os enfermeiros, os médicos, os auxiliares, como é que acha que é essa relação?

e. Ai, eu acho que é muito boa! Acho, acho. É muito boa! Disseram-me: “ Ai, olhe que vocês poderão não ser muito bem vistas, até pensam que vocês estão a perder tempo!”. Eu não sinto isso! Eu todas as vezes que, que já intervim diante de um enfermeiro ou de uma auxiliar, não tenho, da fisioterapeuta, acho-os espectaculares!

E. Ou seja, há uma boa relação entre ambos!

e. Acho que sim! Eu sinto-o, eu pessoalmente sinto isso.

E. De aceitação por parte...?

e. Sim, sim. Acho que, nós também não devemos fazer as coisas para que nos julguem! Eu não estou para avaliarem o meu trabalho. Gosto que o avaliem, e quem é que não gosta que lhe digam que está a fazer um bom trabalho? Mas eu não estou `a espera de reconhecimento; eu não quero é interferir nunca numa parte que vá criar mau ambiente, não é?! Eu gosto de me sentir bem, de resto, eu não tenho que sentir da parte delas

nenhuma... nem, nem que olhem para mim, assim, porque eu não estou atenta a esses pormenores. Estou centrada no meu papel, naquilo que eu estou a fazer, não estou para julgar se estão a olhar mal para mim, ou se me estão a julgar ou se acham que eu estou a perder tempo! Isso já vai ser a mente delas a... se é que existe, que eu num... acho que não existe! Pelo menos ainda é muito pouco tempo, ainda não senti!

E. E, no fundo, também acha que os papéis estão bem determinados?

e. Sim, sim, sim. Cada um... é. Cada um sabe a função que tem que exercer.

E. E, e isso também é um dos aspectos que ajuda que essa...

e. Exactamente! Que é bom, porque nos dá estabilidade, não é? Porque está... nós sabemos que a auxiliar faz aquilo, a enfermeira tem que fazer o outro, e o meu papel também está definido, por isso, ninguém interfere no papel de ninguém!

E. São todos papéis muito...

e. Importantes!

E. ...importantes.

e. Exactamente!

E. Então, nessa perspectiva, acha que as práticas dos voluntários e dos, das pessoas que trabalham no hospital, se complementam ou se chocam?

e. Não, acho que é um complemento. E era bom até que, que houvesse, por exemplo, da minha parte, se eu estiver a ser voluntária, e acho que se uma auxiliar me pedir, eu só devo ficar é feliz, de poder ajudar. Não tenho que dizer: “ Isto não é o meu trabalho! Não estou aqui par isto!”. Não! Eu acho que, que se eu puder ser útil, ai, que me peçam quantas vezes quiserem, que eu estou sempre pronta!

E. Humm, humm.

e. Para qualquer serviço!

E. No, no aspecto de se completarem ainda mais e de o pessoal se respeitar e fazer alguma coisa...

e. Sim, sim, sim. Eu acho que sim. Exactamente! Eu estou disponível para uma aflição, ou, ou se estiver muito ocupada, se achar que eu que deva intervir, não me importa nada!

E. Se calhar a pergunta que eu lhe vou colocar ainda não se põe muito, porque também está cá há pouco tempo.

e. Há pouco tempo.

E. Mas vou-lhe colocar na mesma. Quando os pacientes têm alta a nível hospitalar, se as voluntárias têm, depois, algum contacto com eles? Ou não?

e. Eu ainda não, não, não tive e, e também tenho um, um contra, é que não conheço! Não sei se é contra se é, para mim até acho que, que, que não é contra, porque eu não, não sei de onde é que eles são! Dizem-me que é Vilarinho do Bairro, sei mais ou menos onde é que é Vilarinho do Bairro, mas não conheço ninguém de Vilarinho do Bairro, entende?

E. Sim, sim.

e. Não sei se isso é uma coisa boa a meu favor ou contra! Mas também havia, havia casos, por exemplo, há aqui doentes, que se saírem, eu gostava de, de manter o contacto com eles.

E. Humm, humm.

e. Gostava!

E. Gostaria que, que isso pudesse vir a acontecer, não era?

e. Era, era. Vamos ao caso que eles até têm alta e que vão debilitados e se um dia a Dr.^a me chamar e me perguntar: “ Olhe, gostava de, não se importava de ir a tal parte” – ai, eu ia encantada da vida! Aí está outra vez a necessidade de ser útil!

E. Humm, humm. Ia-lhe perguntar algum acontecimento importante enquanto voluntária. Alguma coisa que a tenha marcado mais pela positiva e outra pela negativa – alguma pessoa, alguma história. Há alguma coisa que neste tempo, que já sabemos que não é ainda muito...

e. Não é muito.

E. ... que a tenha marcado assim mais de forma mais positiva...

e. Negativa, nenhuma! Negativa ainda não tive, graças a Deus, exper... nada que me marcou! Positivo, foram as lições de vida! Oiço histórias que, Deus queira que eu não venha a passar! Que, que é... nós aprendemos muito, porque estamos a ouvir e estamos a projectar-nos um bocadinho naquele filme! E, e pensamos, como é que seria... como é que eu fazia se estivesse nesta situação? No caso de, por exemplo, idosos em que os filhos são assim e então ou desde já o preparamos a nossa semente para depois um dia recolher fruto; se nos apercebemos que essa semente não foi bem lançada, ou aceitar que a vida é assim e que nem tudo pode ser da maneira como nós queremos, não é? Às vezes, projectamos uma vida, que ela vira-se e que não tem nada a ver com aquilo que nós sonhámos para nós!

E. Humm, humm.

e. Não sei, essas lições, eu acho que me fazem muito bem!

E. Quando diz um pouco de semear, tem a ver com a questão de poder chegar aos filhos de uma forma que um dia...

e. Exactamente! Aquela mentalidade que se tinha antigamente! Por exemplo, eu falo num caso muito específico: a minha sogra. A minha sogra diz sempre: “ Ai, isto cá fica! Isto é para vocês! E isto...”. Eu acho que é no decorrer da vida que nós temos que ir dando, ir semeando, não é? Porque depois o que cá fica, ninguém o leva!

E. E muitas vezes, acho eu, para quem cá fica nem tem aquele significado...

e. Valor!

E. ...que tinha para aquela pessoa, não é?

e. Na hora certa! Na hora certa que nós temos que ajudar os filhos, que, que, às vezes, é uma rampa de lançamento, que nós estamos a ajudar, que marca a vida deles p'ó...por exemplo, o meu, o caso do meu marido. Eu não digo, mas o caso do meu marido, que sonhou sempre estudar! Nunca o puseram a estudar, compraram terras. Ele hoje trocava aquelas terras todas por um sonho dele! Mas a mãe, os pais, porque foram educados assim, não estou a criticar por ter...foram ensinados assim, acharam que fizeram o melhor, e fizeram, porque ao fim e ao cabo fizeram, porque ninguém lhes ensinou!

E. Porque eles sabiam, não é? Naquele tempo eles é que sabiam!

e. Exactamente! Nós não temos que julgar! Só que eu é que tento aprender que aquela não foi a melhor forma e que eu poderei fazer de melhor forma para os meus filhos! Porque ele um dia poderão não ter os terrenos, e não vão ter, poderão não ter nada, mas ao menos que se lembrem da, da mãe e do pai daquela... marcante, do afecto, da ajuda, de uma palavra amiga, do estar presente... acho que isso é que é mais importante. Eu acredito muito nesta geração que vem! É muito diferente da outra! São, são pais melhores, são... já são filhos diferentes! Nós temos sempre tendência a criticar-lhes muito, mas acho que não! Os pais de agora, eu vejo pela minha filha, eu vejo a minha filha, que é mãe, tem um bebé com um aninho, é, é, é pouco e bom! É, é qualidade de vida, é mais marcante! Porque, um dia, um filho poderá não ter aquilo que nós, que por exemplo o meu marido tem, mas não lhe vai fazer falta nenhuma, porque do que é que se vai lembrar? Do afecto, do amor, da entrega, tudo isso! eu acho que isso é que é importante! Mas eu, eu acredito muito, nesta, nesta geração que se aproxima! Que se aproxima, não, que está, agora!

E. Que, que melhor que a antiga! A dona Elvira conhece voluntárias fora do hospital?

e. Sim.

E. Conhece?

e. Voluntários... sim!

E. Que também exercem?

e. Sim, sim!

E. E também conhece aqui as suas colegas?

e. Sim, sim! Relacionamo-nos bem.

E. E como é que é a relação com elas?

e. É ótima! É ótima! É de ajuda!

E. E de partilha deste momento?

e. Deste momento, exactamente! E, depois, ao final do dia até tiramos a conclusão, a fim de exercermos a actividade, “ Coitada vê lá isso!”; “ Nós, já viste se temos cálculo na visão? Se vamos, se chegamos a isto? Ou se precisamos disto?” – são, pronto, aprendizagens que nós vamos tendo, não é?

E. Fazem, então, alguma reflexão, é isso?

e. Sim. Todos os dias.

E. Quando vêm?

e. Quando venho tiro sempre uma conclusão!

E. Tem, assim, algum, alguma coisa que queira relatar, importante, que tenha acontecido em termos da, do seu trabalho como voluntária?

e. É como eu lhe digo, ainda tenho pouco tempo, tenho estas, as experiências de vida que elas me vão contando, mas acho que não são...

E. Não há nenhuma que tenha marcado mais?

e. É, é, é.

E. Vive, assim, ou teve alguma frustração, alguma dificuldade enquanto voluntária durante este tempo que teve?

e. Não, não.

E. Ainda não lhe chegou ... que quisesse concretizar, ou...

e. Não, não. Que eu queira concretizar, é ser mais activa! Participar mais! Mas até já, para já, é só o que posso!

E. Participar em termos do tempo que lhe dedica?

e. Sim, sim.

E. O tempo que dedica. E qual é a sua opinião geral sobre o Hospital José Luciano de Castro?

e. Ai, acho espectacular. Foi como disse aquela idosa, doente, (...) que é um hotel de 5 estrelas! E todos eles, mesmo aqui neste bloco, da parte, operatório, só dizem maravilhas! Eles estão muito contentes, gostam muito do pessoal, que as instalações são impecáveis, que o trato é espectacular! Eu, graças a Deus não conheci muito cá por dentro, porque não foi preciso ainda, não é? Não sei o que é que me espera! Precisar muito do hospital..., mas quando venho à consulta aberta, consulta com o meu filho ou qualquer..., eu acho que é maravilhoso!

E. E o que é que significa, para si, ser voluntária? Dentro de si qual é o significado que, que, que lhe atribui?

e. O que lhe disse, é uma necessidade interior, é, é ... eu acho que faz parte de mim! Acho que já vem de mim! O, o eu querer ter sido assistente social, já acho que, que, diz tudo! Frustrada... não me sinto frustrada porque, porque não, não pude estudar, porque foi a guerra, eu tive que ir embora, estava a estudar e tive que deixar os estudos, depois vim para Portugal, tive que sair outra vez, também não deu para estudar, depois já vinha casada, porque a madre achou que, que eu me devia casar antes de vir, depois já fui casada para a Venezuela, terminei por nunca realizar o sonho que, que tinha! Hoje dizerem-me assim: “ Ai, ainda queres estudar para tirar...” – não! Sinto que estou um bocado realizada, não na parte, porque o título não me faz falta, na parte pessoal, aquele desejo de me levar a ser assistente social, acho que está concretizado, porque eu exerço isso! mas, mesmo a nível do meu comércio, há muita gente eu, há muita gente que me procura só para falar comigo! E eu, aí, acho que já estou a ser útil, já estou a, a exercer um bocadinho aquilo que eu gosto de fazer, que é de ouvir os outros e ajudar e uma palavra amiga e uma força e...só se eu não puder é que eu não ajudo!

E. Humm, humm. Pretende continuar a ser voluntária aqui no hospital?

e. Ah, sim!

E. Por quanto tempo?

e. O tempo não, não, não posso estabilizar, uma vez que estamos a atravessar esta situação. O tempo, que se eu tiver, se a vida me correr como até hoje, e aí são as minhas metas e os meus sonhos, enquanto eu puder despender de uma ou duas manhãs para vir, venho.

E. Humm, humm. E o que é, se calhar já sei a resposta, o que é que a leva a querer continuar? Aquela questão que me referiu de ser útil, de a preencher...

e. Sim!

E. E o que é que a levaria a desistir?

e. Só mesmo a parte económica.

E. De não poder despende...

e. De não poder, de não poder, não ter, não posso neste momento dizer “não vivo da loja”, porque daí vem o meu rendimento. Só a parte monetária, infelizmente! Ter que ser, não é? Mas todos nós temos que trabalhar!

E. Na sua opinião, como é que a sociedade, em geral, vê os voluntários? Qual é que acha que é a opinião da sociedade sobre as pessoas que fazem o voluntariado?

e. Pela, pela opinião que eu tenho levado aqui do hospital elas acham-nos úteis, diz que somos, há uma idosa que, que, que já me chamou por duas ou três vezes “meu anjinho”. Acham que, que, que nós estamos fazer um bom papel! Agora, as pessoas de fora, não sei! Não posso imaginar o que é que elas possam pensar. Há pessoas mal formadas que disseram que não temos mais nada que fazer! Que, infelizmente, há quem pense assim! Mas nós não temos que...

E. Valorizar, não é?

e. É! Temos que valorizar a parte positiva, porque a negativa há sempre!

E. E a sua família e os seus amigos? O que é que pensam?

e. Os meus filhos estão muito contentes, porque acham que, que... acham não, sabem, que era, que é a parte que eu gosto de fazer! O meu marido não entende muito bem! O meu marido pensa que há mais coisas para fazer, mas também não me vai à mão, porque eu tenho a minha independência, também nunca deixava também que entrassem na minha área! Mas não entende! Não entende, porque ele não sente essa necessidade!

E. Sim, sim, sim, sim.

e. Mas isso também lhes cabe a eles o lar e eu pôr em prática o que eu penso!

E. Claro, claro. E em relação ao governo? Tem alguma ideia como é que o governo ou o estado vêem os voluntários?

e. Ai, não. Não tenho nenhuma ideia.

E. E usufrui de algum benefício que esteja consagrado em termos de lei, por ser voluntária?

e. Acho que não. Nem foi olhando a isso que eu me propus ser voluntária. Não foi a ir à procura de buscar nada, que me pudesse realizar materialmente. Ter benefícios além de! Os meus benefícios são interiores!

E. E tem orgulho em ser voluntária?

e. Muito!

E. E porque é que tem orgulho?

e. Porque acho que sou útil, acho que, que posso fazer muita coisa, não que se veja, mas que eu tenha para dar, acho que posso fazer muita coisa útil! Porque me faz muito bem.

E. E na sua opinião, uma voluntária situa-se entre o coração ou a razão?

e. As duas coisas são precisas!

E. Então e em que perspectiva é que, que reconsidera essa posição?

e. As duas coisas são precisas: nós temos que ter razão p'ra, por, p'ra, p'ra podermos cumprir normas, p'ra respeitar, p'ra – acho que isso é uma razão. De emoção, eu acho que, a mim fala-me mais alto o coração! Acho que estou mais... mas depois há razões que, que também nós temos que, que respeitar, não é?

E. Tem que se cumprir também...

e. Exactamente!

E. E...

e. A vida é cheia de normas e, não é? E nós temos que...

E. E regras!

e. E regras!

E. Quais são os valores que associa ao voluntariado? Os valores assim...

e. Humanos?

E. Humanos.

e. Muita sensibilidade. Eu acho que é, que é ser-se generoso, porque tem que se ter de facto muita generosidade para, para podermos exercer bem, não estar aqui porque faz de conta, porque aquele vê que é voluntário... não, é por coração mesmo. Quem não está por coração não está muito tempo.

E. É, todas essas características. Tem algum episódio ou alguma coisa que eu não tenha perguntado e que gostaria de dizer?

e. Não, para já não porque, como eu lhe digo, se fosse daqui a dois ou três meses à tantas surgiria alguma que eu não me importava de partilhar, mas...

E. Dona Elvira, agradeço-lhe muito ter dispendido este bocadinho comigo...

e. Está, obrigadinha também.

E. Foi muito útil, obrigado.

e. Está, obrigada também.

